



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Curso de Graduação em Letras

PEDRO HENRIQUE LIMA CARDOSO

QUEM E QUIEN: UM ESTUDO COMPARATIVO DOS PRONOMES
RELATIVOS DE DUAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Brasília – DF
2018

PEDRO HENRIQUE LIMA CARDOSO

***QUEM E QUIEN: UM ESTUDO COMPARADO DOS PRONOMES
RELATIVOS DE DUAS LÍNGUAS ROMÂNICAS***

Monografia apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como pré-requisito parcial para obtenção de grau de Licenciado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho

Brasília - DF
2018

À minha mamãe, que fez e faz o impossível por mim. A Maria Conceição Silva Costa, a minha eterna Tete, que, onde quer que esteja, está cuidando de mim.

Agradecimentos

Devo começar agradecendo aos meus pais, que me proporcionaram as condições necessárias para que eu estudasse em ótimas escolas, o que me fez chegar à UnB. Mãezinha, essa vitória é sua também. Sei o quanto lutou para que conseguíssemos tornar esse sonho possível. Papai, obrigado por tudo. Hoje entendo que, às vezes, a aspereza é necessária para a formação de um ser humano. Amo vocês.

Agradeço ao Centro Educacional Sigma, que, no período em que fui aluno, me deu todo o suporte para que eu me tornasse, a cada dia, academicamente melhor. Hoje, enquanto funcionário, agradeço à empresa e à equipe com a qual trabalho, pelo fato de, por meio das vivências diárias, terem me moldado como profissional.

Agradeço à Mara, que permitiu meu nascimento enquanto professor. Como uma mãe, Mara, você ouviu meu primeiro choro nessa vida docente; me ajudou a dar os primeiros passos; me ensinou, como a excelente professora que é, a dizer as primeiras palavras em uma sala de aula, a fazer as primeiras questões das nossas lindas provas e a querer ser um professor de excelência, espelhando-me em você.

Agradeço aos meus amigos, que, ao longo do processo de graduação, estiveram ao meu lado, dando a mim aquelas palavras de conforto nos momentos em que achei que tudo seria impossível. Sem vocês, esse trabalho não teria nascido. Obrigado, Camila, Bruna, Arthur, Rafinha, Luísa de Lumière e Luísa Daldegan. Vocês são tudo para mim.

Agradeço aos meus pequeninos, meus queridos irmãos. Carol, Vini e Tito, de alguma maneira, vocês são a razão pela qual me esforço para, a cada dia, ser uma pessoa melhor, para que, dessa forma, eu possa orientá-los, ajudá-los e fazer um pouquinho de diferença na vida de vocês.

Agradeço aos meus professores, que, por meio de seu ofício, me inspiraram a me enveredar pela vida docente. Graças ao conhecimento que vocês me proporcionaram, pude aperfeiçoar a minha prática. Obrigado.

Agradeço ao meu orientador, professor Marcus Vinicius da Silva Lunguinho. Com certeza, professor, você é uma das pessoas mais humanas com que já cruzei na vida. Obrigado pelas orientações, pelas leituras indicadas, pelas palavras motivadoras na leitura do primeiro capítulo. Você nem imagina como aquela manhã foi renovadora para mim. Pela primeira vez, senti-me academicamente capaz. Devo isso a você. Obrigado por ter aberto um novo mundo para mim.

Agradeço, por fim, à minha eterna Tete. Perder você nesse processo não foi fácil, mas sei que, de onde quer que você esteja, você está olhando para cá, vibrando a cada conquista. Tenho certeza de que você ficou comigo nas madrugadas em que precisei ser forte para concluir as minhas tarefas. A você, meu amor eterno.

Resumo

No presente trabalho, propõe-se realizar um estudo aprofundado acerca dos pronomes relativos *quem* e *quien*, utilizados para os processos de relativização da língua portuguesa e da língua espanhola, respectivamente. Tais relativos, via de regra, relacionam-se a sintagmas nominais antecedentes que apresentam um traço de humanidade marcante, sejam pessoas, sejam seres personificados. Para tanto, fez-se um estudo comparativo entre gramáticas do português e do espanhol para que se identificasse o que é alegado pelas literaturas a respeito dos contextos de uso dos relativos em análise. Julgou-se precípuo, também, mostrar as propriedades gerais dos pronomes relativos, indicando-os como pronomes de natureza substantiva, isto é, que assumem a capacidade de substituir sintagmas nominais; e como elemento de coesão entre uma oração principal e uma oração relativa, seja esta de natureza explicativa, seja esta de natureza restritiva. Ademais, de modo a entender a origem dos relativos aos quais se dá a ênfase da pesquisa, foi importante fazer uma viagem ao latim, com o intuito de compreender como os relativos se manifestavam na língua mãe das românicas modernas. Ao final, conclui-se que a visão das gramáticas acerca das possibilidades de uso dos pronomes *quem* e *quien* se diverge em alguns pontos, levando em conta que a língua espanhola permite flexão de número em seu relativo de traço humano, fator impossível em português, além de compreender construções diversas a partir do uso desse pronome, como as perífrases de relativo, tal qual se observa no português. As gramáticas do português, portanto, no que tange ao relativo *quem*, tratam restritamente as possibilidades de ocorrência do pronome em análise.

Palavras-chave: Pronomes relativos. Quem. Quien. Línguas românicas. Língua portuguesa. Língua espanhola. Aspectos morfossintáticos. Orações relativas.

Abstract

The aim of this project is to study the relative pronouns “quem” and “quien”, which are used in the relativization processes in Portuguese and in Spanish, respectively. These relative pronouns, as a rule, are related to a previous nominal phrase which indicates a human being or a personified noun. For this purpose, a comparative research among Portuguese and Spanish grammar books was made, in order to identify the perspective which is shown over the contexts in which the analyzed relative pronouns appear in the grammar books. It was also considered crucial to show the general properties of the relative pronouns, for the purpose of indicating them as pronouns in the Romanesque languages, which means a speaker can replace a whole nominal phrase by using the relative pronouns. These pronouns establish cohesion between a main clause and a relative clause, which can be a defining clause or a non-defining one. Furthermore, in order to understand the origin of the pronoun to which the emphasis is given during the analysis, it was important to go back to Latin to comprehend how the relative pronouns were used in the language which is the mother of all modern Romanesque ones. In the end, it is concluded that the vision of the grammar books about the possibilities of using the relative pronouns “quem” and “quien” is different in some situations, considering that, in Spanish, the process of inflection can be observed in the usage of “quien”, a fact which is impossible in Portuguese. In Spanish, it is also seen that the analyzed relative pronoun allows the usage of complex structures, as the periphrasis of relative pronoun, which is also observed in Portuguese. Therefore, the Portuguese grammar books restrict the possibilities of usage of the relative pronoun “quem”.

Key words: Relative pronouns. “Quem”. “Quien”. Romanesque languages. Portuguese language. Spanish language. Morphosyntatic aspect. Relative clauses.

Sumário

Introdução	10
Capítulo I: Conhecendo os pronomes relativos	12
1. Conceituando os pronomes relativos	12
1.1. Ataliba de Castilho	12
1.2. Celso Cunha & Lindley Cintra e Evanildo Bechara	17
1.3. Maria Helena de Moura Neves	19
1.4. Considerações finais	21
Capítulo II: Conhecendo as orações relativas	22
2. Conceituando as orações relativas	22
2.1. Ataliba de Castilho	24
2.1.1. Mecanismos de relativização	24
2.1.2. Tipos de orações adjetivas	25
2.1.3. As adjetivas livres	27
2.2. Celso Cunha & Lindley Cintra	27
2.3. Evanildo Bechara	29
2.4. Maria Helena de Moura Neves	30
2.5. Considerações finais	30
Capítulo III: O relativo <i>quem</i> e seus equivalentes em algumas línguas românicas	31
3. Uma visão geral acerca das línguas românicas	32
3.1. O pronome <i>quem</i> nas línguas românicas	32
3.2. Considerações finais	34
Capítulo IV: <i>Quien</i> e <i>quem</i> : visões da gramática	35
4. Um estudo comparativo entre <i>quien</i> e <i>quem</i>	35
4.1. O pronome <i>quien</i> na língua espanhola	37
4.1.1. Relação sintática entre <i>quien</i> e um substantivo não personificado	38
4.1.2. Flexão do pronome <i>quien</i>	39
4.1.3. Reflexões acerca do pronome <i>quien</i>	40
4.2. O pronome <i>quem</i> na língua portuguesa	40
4.3. Considerações finais	40
Capítulo V: Os relativos: últimas reflexões	42
5. <i>Quem</i> e <i>quien</i> : limitados pela gramática?	42

5.1. Inconsistência quanto ao entendimento do <i>quem</i> nas gramáticas da língua portuguesa	42
5.2. A produtividade do pronome <i>quien</i> na língua espanhola	44
5.3. Considerações finais	44
Referências bibliográficas	46

Introdução

Pode-se considerar que, desde os primórdios, o ser humano se utiliza da comparação de objetos para compreender de que maneira se podiam identificar as diferenças existentes entre as coisas do mundo. Com as línguas, não é diferente. Os primeiros estudos linguísticos se deram a partir do método histórico-comparativo, por meio do qual se contrastavam línguas com o intuito de entender, talvez, suas origens, seus pontos de contato e suas características divergentes.

Nesse viés, tem-se que, aqui, se fará uma comparação entre os pronomes relativos nas línguas românicas, a fim de identificar de que forma esses elementos linguísticos se comportam. Toda a reflexão parte das seguintes indagações: se o latim deu origem a todas as línguas românicas, por que os mecanismos linguísticos destas se diferem morfossintaticamente entre si? De que forma as compreensões sintáticas diversas confluem a ponto de elucidar questionamentos tão produtivos para um entendimento cada vez mais pleno do funcionamento dos sistemas linguísticos de base latina?

A escolha do tema para essa pesquisa parte dessa vontade de entender como as línguas podem evoluir de maneira tão fluida e tão múltipla, de modo que vocábulos com uma mesma origem, em seus contextos de ocorrência no âmbito do sistema linguístico em que, agora, estão inseridos, apresentam possibilidades de serem expressos de formas tão diferentes. O olhar voltado às línguas românicas parte de uma eleição muito subjetiva, tendo em vista que, por meio delas, o mundo, a mim, se mostrou, instigando-me a querer aprendê-las, utilizá-las e compreendê-las para além da epiderme.

Com o intuito de responder a esses questionamentos, o presente trabalho dará foco a um estudo detalhado da classe dos pronomes relativos, enfatizando os contextos de uso dos relativos *quem* e *quien*, que são as formas utilizadas em português e em espanhol, respectivamente, para processo de relativização cujo antecedente apresenta, via de regra, um traço humano ou é personificado no contexto em que é evidenciado em um enunciado linguístico.

O trabalho será estruturado, portanto, com a finalidade de esclarecer as informações mais relevantes para a compreensão do assunto, sendo dividido nos seguintes capítulos: I – *Compreendendo os pronomes relativos*, em que serão apresentadas definições de gramáticos da língua portuguesa acerca dessa classe de pronomes e, a partir dessas definições, será exposta uma reflexão geral quanto ao uso dos relativos; II – *Compreendendo as orações relativas*, em que serão apresentadas as concepções que

autores de gramáticas do Português Brasileiro têm a respeito das orações relativas, para que, por meio dessas concepções, se possa pensar criticamente sobre elas; III – *O relativo quem e seus equivalentes em algumas línguas românicas*, em que será mostrada a origem do relativo *quem*, fazendo-se uma comparação com as formas presentes no latim vulgar; IV – *Quien e quem: visões da gramática*, em que se discutirá o modo como as gramáticas do espanhol e do português apresentam tais relativos quanto aos seus aspectos morfossintáticos; e, por fim, V – *Os relativos: últimas reflexões*, em que se mostrarão as conclusões às quais foi possível chegar por meio da pesquisa, evidenciado a compreensão que o presente trabalho intenciona transmitir ao finalizar as reflexões linguísticas diversas, aqui, apresentadas.

I. Compreendendo os pronomes relativos

Neste capítulo, serão apresentadas as definições de Ataliba de Castilho, de Celso Cunha & Lindley Cintra, de Evanildo Bechara e de Maria Helena de Moura Neves acerca dos pronomes relativos. Diante dessas definições, apresentar-se-ão exemplos a fim de ilustrar as reflexões trazidas pelos autores. Além disso, tem-se a intenção de se mostrar um olhar crítico frente às abordagens dos autores, à medida que essas definições são, aqui, expostas.

A classe dos pronomes se mostra muito frutífera para os processos sintáticos existentes nas línguas românicas. Em muitas situações linguísticas, podem-se perceber diversas semelhanças quanto à utilização desses elementos coesivos. A partir dessa visão, explicar-se-á de que maneira os pronomes classificados como relativos se configuram morfossintaticamente. Além disso, evidenciar-se-á o modo como os pronomes relativos se relacionam com os períodos compostos por subordinação.

1. Conceituando os pronomes relativos

Ao pensar na classe dos pronomes, identificam-se duas funções principais para essa categoria de palavras: podem ser substantivos ou adjetivos. Quando substantivos, exercem, basicamente, a função de substituir um sintagma. Tal propriedade pode ser observada a partir dos exemplos a seguir:

1. a. O menino leu o livro.
- b. **Ele o** leu.

Veem-se, na sentença “a”, os sintagmas *O menino* e *o livro*. Na sentença “b”, ocorre a substituição destes pelos pronomes substantivos *Ele* e *o*. Ao considerar o fato de substituírem todo um sintagma, tanto *Ele* como *o* podem ser classificados como pronomes substantivos.

Já quando são adjetivos, servem de acompanhantes dos substantivos, trazendo a esse nome a que se ligam determinada carga semântica, seja ela de posse, de demonstração, de indefinição, entre outras possibilidades. A seguir, observar-se-á um exemplo que evidencie o uso dos pronomes adjetivos:

2. **Meu** livro foi lido por **aquele** garoto, mas eu mesmo não li **nenhuma** página.

No exemplo trazido em 2, identificam-se as exigências para qualificar um pronome como adjetivo. Primeiramente, os pronomes *meu*, *aquele* e *nenhuma* acompanham um substantivo. Por esse motivo, trazem uma carga semântica ao nome ao qual se relacionam, respeitando a segunda exigência apresentada no momento em que a definição dos pronomes adjetivos foi trazida. As ideias apresentadas pelos pronomes em destaque são de posse, de demonstração e de indefinição, respectivamente.

O foco, aqui, é refletir acerca do funcionamento dos pronomes relativos, que, em uma de suas funções¹, atuam como substitutos de sintagmas, tendo estes como antecedentes. A seguir, ver-se-ão algumas definições desses pronomes, sob o ponto de vista morfossintático, em algumas gramáticas:

Autor(a)	Definição
Ataliba de Castilho	“O pronome relativo desempenha simultaneamente dois papéis: enquanto pronome, recebe funções argumentais ou de adjunção do verbo da sentença; enquanto conjunção, liga a adjetiva ao núcleo do sintagma da matriz.” (CASTILHO, 2014, p. 368-369)
Celso Cunha & Lindley Cintra	“São assim chamados porque se referem, de regra geral, a um termo anterior – O ANTECEDENTE.” (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 356)
Evanildo Bechara	“São os que normalmente se referem a um termo anterior chamado antecedente...” (BECHARA, 2010, p. 139)
Maria Helena de Moura Neves	“Em princípio, os PRONOMES RELATIVOS introduzem uma oração adjetiva. Ela exerce a função de adjunto adnominal do substantivo que é o seu antecedente, tal como um adjetivo.” (NEVES, 2018, p. 643)

¹ Além da função de substituírem sintagmas, os pronomes relativos também atuam como elo entre uma oração principal e uma oração adjetiva.

Por meio das definições propostas pelos autores, é possível compreender de que maneira cada um deles compreende as propriedades linguísticas dos pronomes relativos. Deve-se levar em consideração, para que se faça uma análise dessas definições, que os autores estudam esses pronomes de forma descritiva, cuja maior preocupação é a explicação do funcionamento dos recursos de uma língua, identificando as formas de ocorrências dos elementos constituintes desse complexo sistema.

Nesse sentido, cabe dizer que Castilho e Moura Neves apresentam uma perspectiva mais detalhada frente ao estudo dos pronomes relativos, ao passo que Bechara e Cunha & Cintra têm uma visão um pouco reduzida das possibilidades dessa classe de pronomes, ao ser ter em conta o papel dos relativos na língua portuguesa. Ao ter tais vieses como referência, é possível trazer à tona um olhar crítico frente às definições apresentadas.

1.1. Ataliba de Castilho

Inicialmente, a partir da visão de Castilho, entende-se que, para o autor, o pronome relativo é uma classe diversa e passível de uma reinterpretação morfológica a depender de seu contexto sintático de ocorrência. Em caso de aparecer como um pronome de fato, o relativo estabelece uma relação com o verbo ou com um termo nominal, podendo esta ser argumental ou de adjunção, isto é, o pronome relativo pode atuar ou como um argumento, ou como adjunto, seja de um verbo, seja de um nome. A seguir, serão trazidas sentenças apresentadas pelo autor para exemplificar a discussão:

- (1) a. O homem *que* comprou o livro veio trocá-lo.
- b. O livro *que* o homem leu era uma droga. (CASTILHO, 2014, p. 369)

Nas sentenças apresentadas em (1), identifica-se que o pronome *que* preenche uma das camadas de valência do verbo que é núcleo da oração adjetiva. No exemplo “a”, tem-se *comprar* como verbo da adjetiva, que é compreendido como um verbo transitivo de valência 2. Levando-se isso em conta, cabe dizer que, para que o entendimento pleno da semântica desse verbo ocorra, são necessários dois argumentos, sendo um externo, exercendo a função sintática de sujeito, e outro interno, atuando sintaticamente como objeto. O argumento externo é representado pelo pronome relativo *que*, cujo antecedente é o sintagma *O homem*, uma vez que tal constituinte da oração é compreendido como o agente da ação de comprar; quanto ao argumento interno, pode-se identificar que este é

representado pelo sintagma *o livro*, visto que tal constituinte assume o papel temático de paciente da ação verbal.

Ao fazer uma análise do exemplo “b”, em que a oração adjetiva tem o núcleo verbal desempenhado pelo verbo *ler*, percebe-se que não há diferença quanto às possibilidades de seleção. Tal fato se dá porque os verbos *ler* e *comprar* assumem a mesma predicação, ou seja, são verbos de valência 2. O que difere a análise dessa sentença é o papel temático exercido pelo relativo *que* em estudo, bem como sua função sintática. O argumento externo, em “b”, é o sintagma *o homem*, desempenhando a função de sujeito, pelo fato de este estar associado ao papel temático de agente da ação verbal; contudo, tal constituinte aparece como sujeito da oração adjetiva. O relativo *que*, portanto, preenche, nessa situação, a posição de argumento interno, na medida em que retoma o antecedente *O livro*. Nesse sentido, considera-se que, no contexto da oração adjetiva, o relativo *que* é quem atua como paciente da ação verbal e como argumento interno do verbo da oração adjetiva.

(2) a. Demoliram a casa *onde* nasci.

b. O livro *cuja* capa se estragou apareceu todo mofado. (CASTILHO, 2014, p. 369)

Nas sentenças apresentadas em (2), não mais se percebe uma relação argumental entre verbo/nome e o antecedente do pronome. O fenômeno, agora, evidenciado é o de adjunção. Em “a”, tem-se que o verbo que atua como núcleo da oração adjetiva é *nascer*. Quanto à predicação, tal verbo se comporta como intransitivo, o que aponta que a presença de um sintagma para exercer a função de objeto é desnecessária. Entretanto, ainda que esse verbo não exija um preenchimento na posição de objeto, palavras que denotam uma circunstância adverbial podem ser empregadas a fim de darem, em certa medida, um detalhamento a essa ação. É exatamente essa a função desempenhada pelo relativo *onde*, pois, ao retomar o antecedente *casa*, dá ao verbo *nascer* a circunstância de lugar. Por esse motivo, pode-se definir que a relação entre o relativo e o verbo é de adjunção.

Em “b”, ocorre um processo semelhante, embora, nessa circunstância, a adjunção seja relacionada a um nome. O relativo *cuja*, por natureza, denota a ideia de posse. Apesar de não ser mais tão evidenciado na fala espontânea do português brasileiro, suas propriedades sintáticas são muito interessantes sob o ponto de vista linguístico. Ao trazer

a ideia de posse, vê-se a produtividade semântica desse pronome, *que*, na sentença “b”, indica que o constituinte *capa* pertence ao sintagma *O livro*. É pertinente apontar que, nesse caso, por mais que o relativo seja variável em gênero e retome o antecedente *O livro*, sua relação de concordância é estabelecida com o seu sucessor *capa*. Além disso, percebe-se que, semanticamente, se pode considerar que, a partir dessa relação de referência, o enunciado a ser transmitido poderia ser reescrito da seguinte forma: *A capa do livro se estragou*. Nesse ponto, prova-se a relação de adjunção, já que o antecedente *O livro* aparece como adjunto adnominal de *capa*, dando ao relativo em estudo uma nova função sintática dentro da oração em que ocorre.

Castilho aponta, também, a possibilidade de o pronome relativo ser compreendido como uma conjunção. É a partir da visão do autor que, no presente trabalho, será considerada a possibilidade de uma reinterpretação morfológica do relativo sob o ponto de vista do autor em observação. Para se adentrar a essa discussão, partir-se-á de um exemplo apontado por Castilho, conforme se observa a seguir:

- (3) a. Não há necessidade *que* me abale, continuarei sempre na luta. (CASTILHO, 2014, p. 369)

A ideia defendida por Castilho é a de que, ao substituir o relativo pela forma *a qual*, as relações de referência se mantêm, sendo essa a forma de se diferenciar um relativo *que* de uma conjunção integrante *que*. De maneira breve e objetiva, vale apontar que a conjunção integrante é o elo entre uma oração principal e uma subordinada substantiva; contudo, como o foco é fazer uma análise acerca das adjetivas, não haverá, neste presente estudo, uma análise aprofundada desse recurso coesivo. No momento em que se realiza essa substituição, obtém-se a seguinte sentença:

- a1. Não há necessidade *a qual* me abale, continuarei sempre na luta. (CASTILHO, 2014, p. 369)

Nesse momento, pode-se considerar que o *que* se comporta, de fato, como um pronome relativo. No entanto, Castilho aponta que não se pode ignorar que o vocábulo *necessidade* exige a presença de um argumento interno, o que configuraria a ocorrência de um complemento nominal sendo realizado pela oração *que me abale*, tendo de estar preposicionado. Dessa forma, obter-se-ia a sentença a seguir:

a2. Não há necessidade *de que* você me abale. (CASTILHO, 2014, p. 369)

A conclusão a que se chega é de que, na verdade, o *que* é, na verdade, uma conjunção integrante, mas, como Castilho faz uma análise descritiva da gramática da língua portuguesa, o que acarreta a observação de dados da fala espontânea, a preposição *de* é suprimida. Por conta da supressão desse elemento coesivo, gera-se uma análise ambígua: cabe dizer que o *que* ou é um relativo, ou é uma conjunção integrante. Considerar-se-á, na presente observação, que a motivação para reinterpretação morfológica do *que* não é totalmente cabível, uma vez que, para fazê-la, é necessário desconsiderar a estrutura obrigatória de um complemento nominal.

Quando Castilho aponta que as sentenças “a1” e “a2” são equivalentes, aparecem, nessa equivalência, incoerências semânticas e sintáticas. Tratemos, inicialmente, da questão semântica que o autor apresenta, mas que, para a presente análise, é inconsistente. Ao pensar na sentença *Não há necessidade que me abale*, o entendimento que se observa é o seguinte: nenhuma necessidade abala o sujeito da sentença; por outro lado, a partir da inserção da preposição, gerando a sentença *Não há necessidade de que me abale*, o sentido dessa proposição é completamente alterado, agora sendo compreendido da seguinte forma: o sujeito da sentença não vê a necessidade de se sentir abalado. Por conseguinte, não é coerente considerar que “a1” e “a2” são semanticamente equivalentes.

Sob o ponto de vista de sintático, as duas sentenças também não podem ser postas como se estivessem estabelecendo as mesmas relações entre os constituintes nelas envolvidos. Ao observar “a1”, tem-se que a oração adjetiva *que me abale* exerce a função sintática de adjunto adnominal do termo nominal *necessidade*; no entanto, se a preposição *de* é inserida, a oração em questão é interpretada sintaticamente de outra forma, uma vez que ela passa a ser vista como complemento nominal de *necessidade*, não sendo mais uma oração adjetiva, e sim substantiva. A partir dessa constatação, identifica-se a razão pela qual também não é coerente fazer uma equiparação sintática entre as sentenças “a1” e “a2”.

1.2. Celso Cunha & Lindley Cintra e Evanildo Bechara

A compreensão que Bechara tem acerca dos pronomes relativos é igual à proposta por Cunha & Cintra. Por esse motivo, tais abordagens serão postas em conjunto neste momento da análise, aqui, proposta.

Os autores, para apresentar a definição dos pronomes relativos, não trazem uma reflexão muito aprofundada sobre essa classe palavras. São, para eles, pronomes que substituem seu antecedente, também em um contexto de oração adjetiva. Esse antecedente pode ser representado por um substantivo, por um pronome, por um adjetivo, por um advérbio ou por uma oração, desde que esta esteja resumida por um pronome demonstrativo *o*. A seguir, trar-se-ão exemplos que ilustrarão a capacidade de substituição dos pronomes relativos.

1. Deem-me **as cigarras que** eu ouvi menino. (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 357) – O relativo *que* retoma seu antecedente, que é o substantivo *cigarras*.
2. Não serás **tu que** o vês assim? (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 357) – O relativo *que* retoma seu antecedente, que é o pronome *tu*.
3. As opiniões têm como as frutas o seu tempo de madureza em que se tornam doces de **azedas** ou **adstringentes que** dantes eram. (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 357) – O relativo *que* retoma seus antecedentes, que são os adjetivos *azedas* e *adstringentes*.
4. **Lá, por onde** se perde a fantasia... (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 357) – O relativo *onde*, que, no contexto em análise, está preposicionado, retoma seu antecedente, que é o advérbio *lá*.
5. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, **o que** parecia difícil a Fabiano... (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 358) – O relativo *que* retoma seu antecedente, que é o pronome demonstrativo *o*, cuja função é de substituir toda a ideia apresentada pela oração *Acomodar-se-iam num sítio pequeno*.

Os autores apontam também que os relativos são dotados da capacidade de exercerem uma função sintática na oração adjetiva em que ocorrem, sendo essa a marca que os diferencia das conjunções, que, na análise tradicional, não desempenham papel sintático algum. A depender do antecedente, o pronome relativo pode ser interpretado como um sujeito, um objeto direto, um objeto indireto, um predicativo, um adjunto adnominal, um complemento nominal, um adjunto adverbial ou um agente da passiva de

uma oração. Para mostrar as possibilidades de funções sintáticas a serem exercidas pelos relativos, apresentar-se-ão alguns exemplos:

1. Não são poucas **as alunas que** faltaram. (BECHARA, 2010, p. 139) – O relativo *que*, na oração adjetiva em que aparece, exerce a função de sujeito.
2. **O ônibus que** esperamos está atrasado. (BECHARA, 2010, p. 139) – O relativo *que*, na oração adjetiva em que aparece, exerce a função de objeto direto.
3. **As pessoas de quem** falas não vieram. (BECHARA, 2010, p. 139) – O relativo *quem*, que, no contexto em análise, está preposicionado, exerce, na oração adjetiva em que aparece, a função de objeto indireto.
4. Não conheço **quem** fui no **que** hoje sou. (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 359) – O relativo *que*, na oração adjetiva em que aparece, exerce a função de predicativo do sujeito.
5. Há **pessoas cuja** aversão e desprezo honram mais que os seus louvores e amizades. (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 359) – O relativo *cuja*, na oração adjetiva em que aparece, exerce a função de adjunto adnominal.
6. Lembrava-me de que deixara toda a minha vida ao acaso e que não pusera ao estudo e ao trabalho com **a força de que** era capaz. (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 359) – O relativo *que*, que, no contexto em análise, está preposicionado, exerce, na oração adjetiva em que aparece, a função de complemento nominal.
7. **A casa onde** moro é espaçosa. (BECHARA, 2010, p. 139) – O relativo *onde*, na oração adjetiva em que aparece, exerce a função de adjunto adverbial.
8. Sim, sou **adorável pupila... por quem** sou correspondido com igual ardor! (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 359) – O relativo *quem*, que, no contexto em análise, está preposicionado, exerce, na oração adjetiva em que aparece, a função de agente da passiva.

A partir dos exemplos que os autores apresentam quanto ao uso dos pronomes relativos e às funções sintáticas que podem exercer, fica mais clara a reflexão morfossintática que Cunha & Cintra e Bechara fazem acerca dessa classe de palavras.

1.3. Maria Helena de Moura Neves

Neves faz um estudo das estruturas da língua para explicar o funcionamento dos recursos linguísticos em análise, tendo suas revelações sendo trazidas a partir de textos

diversos. Quanto aos pronomes relativos, a autora, por meio do poema “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade, aponta a primeira característica dessa classe de palavras: a possibilidade de construir sentenças utilizando-se da recursividade. A seguir, identifica-se um exemplo desse mecanismo permitidos pelas orações adjetivas:

(4) João amava Teresa *que* amava Raimundo / *Que* amava Maria *que* amava Joaquim
que amava Lili

Nos dois versos retirados do poema, percebe-se que, com o pronome relativo *que*, as orações se encaixam, tendo seus referentes nas orações antecedentes, de modo a respeitar as seleções argumentais dos verbos que são núcleo das adjetivas em evidência. Com base nessa ideia é que Neves faz a definição dos pronomes relativos como sendo, em primeira abordagem, o elemento coesivo introdutório de uma oração adjetiva. Essa oração exercerá a função de adjunto adnominal em relação à principal.

A partir desse pensamento, Moura defende que existe uma semelhança evidente entre uma oração adjetiva e um sintagma adjetival, no que tange ao funcionamento dessas duas estruturas linguísticas. Tal pensamento se dá pelo fato de, ao utilizar uma oração adjetiva, esse artifício linguístico trazer uma propriedade ao objeto a que se refere.

Os relativos são divididos por Neves nas seguintes categorias: os relativos propriamente ditos, que têm a função de retomar um antecedente da oração principal a que se relacionam (nesse grupo, encaixa-se o pronome *que*); e os relativos de natureza mais “nominal”, que têm a função de substituir um sintagma, mas trazendo uma carga semântica específica. No quadro abaixo, resumem-se as possíveis semânticas de alguns relativos tratados pela autora:

Pronome	Semântica
<i>Quem</i>	Utiliza-se para pessoas ou seres personificados.
<i>Onde</i>	Utiliza-se para lugares.
<i>Cujo</i>	Utiliza-se para indicar um possuidor.

Por partir de uma análise de textos, em sua maioria, literários, Maria Helena Moura considera várias fases da língua portuguesa, o que aproxima seu ponto de vista a uma interpretação de viés descritivo, tal qual faz Ataliba de Castilho, embora este

apresente uma pesquisa com um olhar mais histórico, desprendendo-se de textos literários.

1.4. Considerações finais

Nesse capítulo, foram apresentadas definições de Ataliba de Castilho, de Celso Cunha & Lindley Cintra, de Evanildo Bechara e de Maria Helena de Moura Neves acerca dos pronomes relativos. Diante dessas definições, apresentaram-se exemplos com o intuito de ilustrar as reflexões trazidas pelos autores. Além disso, intencionou-se apresentar um olhar crítico frente às abordagens de tais gramáticos.

Pode-se considerar, portanto, que os pronomes relativos têm a função básica de retomarem um antecedente, introduzindo, conseqüentemente, uma oração adjetiva. Ao fazer essa retomada, tal recurso coesivo carrega consigo, em alguma medida, as propriedades sintáticas do sintagma a que se refere, a fim de respeitar as relações de seleção argumental de um verbo ou de um nome, a depender da natureza do sintagma ao qual seu antecedente se relaciona.

II. Compreendendo as orações relativas

Neste capítulo, serão apresentadas as definições de Ataliba de Castilho, de Celso Cunha & Lindley Cintra, de Evanildo Bechara e de Maria Helena de Moura Neves acerca das orações relativas. Diante dessas definições, a fim de ilustrar as reflexões trazidas pelos autores, serão apresentados exemplos trazidos por eles em suas gramáticas. Ademais, intenciona-se apresentar um olhar crítico diante das abordagens dos autores, à medida que essas definições são, aqui, expostas.

2. Conceituando as orações relativas

As orações relativas atuam como adjuntos adnominais no período composto e, a depender da maneira como se relacionam com a oração principal, trazem uma carga semântica diferente ao termo a que se referem. A partir de uma oração explicativa, tem-se uma ideia de generalização do elemento qualificado pela oração; no caso de essa oração ser restritiva, traz-se ao termo qualificado um caráter particularizante. A seguir, serão apresentados dois exemplos de orações relativas, sendo uma explicativa e outra restritiva.

1. a. Os alunos, **que estudam**, se saem bem na prova.
- b. Os alunos **que estudam** se saem bem na prova.

Percebe-se, nas orações acima, uma estrutura muito semelhante; entretanto, ao se realizar um estudo das duas estruturas, notam-se diferenças semânticas entre elas. Na sentença “a”, há a interpretação de que todos os alunos estudam e se saem bem na prova, ou seja, é feita uma generalização em relação ao grupo de discentes em questão. Já na sentença “b”, a ideia é mais reduzida, pelo fato de, por meio deste enunciado, ser possível depreender que os alunos que se saem bem na prova são somente aqueles que se dedicam aos estudos.

Identifica-se, assim, a riqueza que as orações adjetivas podem trazer para o discurso, tendo em vista que é possível observar como esses enunciados geram interpretações diversas. Tudo depende da intenção linguística que um falante tem ao se utilizar das relativas para a transmissão de sua mensagem.

Diante disso, apresentar-se-á um quadro a seguir em que há a definição de orações relativas de acordo com alguns gramáticos da língua portuguesa:

Autor(a)	Definição
Ataliba de Castilho	“As adjetivas ou relativas são sentenças encaixadas num sintagma nominal, em que atuam como Complementadores. O processo de <i>relativização</i> é, portanto, o relacionamento de dois sintagmas correferenciais...” (CASTILHO, 2014, p. 366)
Celso Cunha & Lindley Cintra	“AS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS vêm normalmente introduzidas por um PRONOME RELATIVO, e exercem a função de ADJUNTO ADNOMINAL de um substantivo ou pronome antecedente...” (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 615)
Evanildo Bechara	“... o adjunto adnominal representado pelo adjetivo [...] pode também ser representado por uma oração que, pela equivalência semântica e sintática [...], se chama <i>adjetiva</i> ...” (BECHARA, 2011, p. 343)
Maria Helena de Moura Neves	“... exerce a função de adjunto adnominal do substantivo que é seu antecedente, tal como um adjetivo.” (NEVES, 2018, p. 643)

A partir das definições apresentadas pelos autores, pode-se compreender a interpretação que cada um faz acerca do funcionamento das orações adjetivas na língua portuguesa. Conforme apresentado no capítulo I, as abordagens em análise seguem a perspectiva descritiva, utilizando-se de aspectos morfossintáticos para delinear a compreensão que se tem acerca das relativas.

Com base no que é apresentado pelos gramáticos em estudo, pode-se refletir criticamente quanto às definições propostas por eles. Nesse sentido, levando em consideração tais conceitos, far-se-á uma exposição sobre as relativas, mostrando a

produtividade desse recurso na língua, bem como as propriedades sintático-semânticas que as relativas implicam às orações principais a que se relacionam.

2.1. Ataliba de Castilho

Segundo Castilho, as orações relativas precisam estar conectadas a um sintagma nominal. Ao estabelecerem essa conexão, atuam como complementadores do sintagma nominal ao qual se ligam. Antes de evidenciar um aprofundamento quanto à definição das orações relativas, é importante compreender o que são os complementadores na perspectiva de Ataliba de Castilho.

O autor aponta que os “Complementadores compreendem sintagmas adjetivais, que funcionam como adjunto adnominal [...]; os sintagmas preposicionais, que funcionam como complementos nominais [...]; e as sentenças relativas” (CASTILHO, 2014, p. 455). Nesse sentido, pode-se considerar que os complementadores a que Castilho faz referência são palavras que trazem a um núcleo substantivo uma característica. Estruturalmente, nota-se que os sintagmas adjetivais são aqueles cujos núcleos são classificados, morfológicamente, como adjetivos; os sintagmas preposicionais são os formados a partir da junção de uma preposição com um substantivo (este configurando um sintagma nominal); e as sentenças relativas são orações introduzidas por um pronome relativo e, por meio desse elemento de coesão, atribuem ao antecedente alguma caracterização.

Diante dessas conclusões, entende-se o porquê de as sentenças relativas serem elencadas na classe dos complementadores. Visto que tais enunciados inserem uma carga semântica nova ao núcleo nominal ao qual se ligam, é válida a interpretação de tais sentenças como forma complementar a ideia de um substantivo.

Com base nesse entendimento, é possível adentrar à discussão de Castilho: a sintaxe das relativas tem de ser separada em níveis que levam em consideração os mecanismos que implicam relativização; os tipos de orações relativas; e as adjetivas livres.

2.1.1. Mecanismos de relativização

As estratégias utilizadas para que se ocorra relativização nas línguas são diversas. Como o foco do presente trabalho é dar ênfase às relativizações nas línguas românicas, refletir-se-á acerca dos mecanismos existentes nessas línguas, evidenciando, nesse momento, um olhar mais direcionado à língua portuguesa.

Com o intuito de estabelecer uma relativização entre estruturas oracionais, as línguas românicas utilizam-se de pronomes relativos, conforme apresentado no capítulo I. Por meio desse recurso coesivo, estabelece-se uma relação entre o pronome introdutório da oração adjetiva com um antecedente, que, via de regra, se manifesta como antecedente na oração principal. Há línguas em que a presença do relativo é dispensável, tal qual o inglês. Por meio da observação do exemplo a seguir, pode-se compreender o que, aqui, se aponta:

1. This is the boy I'm talking about. (Tradução livre: Este é o garoto sobre quem estou falando.)

As orações *This is the boy* e *I'm talking about* se relacionam sintática e semanticamente; contudo, não há a presença de um pronome relativo atuando como elo entre as duas sentenças. A língua inglesa permite o apagamento do relativo, sem que haja prejuízo de entendimento do enunciado que se intenciona transmitir.

No português, no entanto, tal fenômeno não se observa. Talvez isso aconteça pelo fato de, na língua portuguesa, não haver, de maneira natural, a evidência de posposições, tal qual acontece no inglês. Baseando-se nessa evidência, seria possível justificar o porquê de ser necessário que haja um relativo expresso a fim de conectar as orações.

2.1.2. Tipos de orações relativas

Castilho, em sua análise sobre as relativas, defende três tipos de sentença: as adjetivas padrão; as adjetivas copiadoras; e as adjetivas cortadoras. Dar-se-á a seguir um exemplo de cada uma delas para, posteriormente, apontar uma reflexão com base no que é salientado pelo autor.

1. Perdi o livro **que estava lendo**. (CASTILHO, 2014, p. 367) – sentença adjetiva padrão;
2. Não há uma área em São Paulo **que a polícia não entre nela**. (CASTILHO, 2014, p. 367) – sentença adjetiva copiadora;
3. Não há uma área em São Paulo **que a polícia não entre**. (CASTILHO, 2014, p. 367) – sentença adjetiva cortadora.

Em 1, identifica-se uma oração adjetiva básica, em que se percebe um pronome relativo *que* retomando seu antecedente, representado, na oração principal, pelo sintagma

o livro. Nesse enunciado, a oração *que estava lendo* traz ao substantivo *livro* uma informação com o intuito de complementar seu significado, de forma a salientar uma característica do núcleo do sintagma nominal a que se refere. A relativa em análise é compreendida como um adjunto adnominal do termo *livro*, em conformidade com o que é proposto pela definição das orações adjetivas. É dessa forma, portanto, que Castilho compreende o funcionamento das adjetivas padrão.

Para a compreensão de 2 e 3, far-se-á um estudo comparativo entre as duas estruturas. As orações envolvidas nos exemplos são muito semelhantes. O que as difere é a presença da contração *nela* (preposição *em* + pronome pessoal do caso reto *ela*). É justamente pelo fato de se observar a presença ou a ausência do pronome que Castilho determina sua análise.

Em 2, para que as relações sintáticas sejam estabelecidas de forma mais clara em termos sintáticos, seria mais adequado que houvesse uma preposição *em* precedendo o relativo *que*; porém, no português brasileiro contemporâneo, é muito comum a supressão da preposição na fala espontânea. Nesse sentido, o recurso utilizado pelos falantes é a inserção de um pronome cópia, a fim de retomar anaforicamente o antecedente do relativo. A partir desse pronome cópia, insere-se nele a preposição que precederia o relativo, trazendo, desse modo, a noção semântico-sintática que a oração relativa visa trazer à principal. Por esse motivo, no exemplo apresentado, o autor define oração como adjetiva copiadora.

Já em 3, a supressão da preposição é a grande marca. A noção semântico-sintática a ser trazida fica subentendida no contexto de uso do enunciado apresentado. Há, portanto, um corte de um elemento linguístico que, até então, seria necessário para o entendimento pleno da sentença; contudo, tendo em vista que os falantes aceitam bem tal construção, esta é manifesta comumente no português brasileiro, configurando, desse modo, as orações adjetivas cortadoras.

É relevante pontuar, aqui, que a possibilidade de corte nem sempre é evidente², tendo em vista que, em algumas construções, a ausência da preposição pode gerar uma incoerência semântica e sintática para determinadas estruturas do português brasileiro.

² Os exemplos (3) a1 e a2 que aparecem seção 1.1 do capítulo I evidenciam um caso que há a impossibilidade de supressão da preposição, ou seja, em que não se pode ocorrer uma oração adjetiva cortadora.

2.1.3. As adjetivas livres

As adjetivas livres são um caso curioso nas línguas em geral. Pensando na língua portuguesa, por exemplo, identifica-se tal fenômeno em relação ao pronome *quem*. A seguir, apresentar-se-ão alguns exemplos de adjetivas livres:

1. **Quem foi a Portugal** perdeu o lugar.
2. Já se apresentou ao emprego **quem você recomendou**.

A grande problemática desse tipo de oração relativa é o fato de que, embora esta apresente um pronome relativo, não há um antecedente expresso na sentença. Pode-se considerar, portanto, que esse antecedente está fora do contexto do enunciado, sendo resgatado no mundo, de acordo com as propriedades semânticas que o pronome *quem* em observação carrega. É expressivo indicar que o pronome *quem* traz consigo um traço mais humano, e este, ao ser utilizado em um contexto linguístico, ativa automaticamente o entendimento que pode ser resumido por meio da expressão *uma pessoa que*. Por conseguinte, seria correto definir que o referente desse pronome extrapola o nível da oração, sendo encontrado no mundo.

É nesse momento que a oração relativa livre se torna interessante: as propriedades de relativização “clássicas” não acontecem, e toda a oração, de acordo com o que se observa nos exemplos apresentados por Castilho, pode ser compreendida como o sujeito da oração a que se liga. A dificuldade do ponto de encaixe dessas orações é que as faz serem compreendidas como livres.

2.2. Celso Cunha & Lindley Cintra

Celso Cunha & Lindley Cintra fazem uma abordagem pouca detalhada quanto às orações adjetivas. Isso se justifica pelo fato de a gramática dos autores, ainda que descritiva, trazer uma menor quantidade de detalhes quanto à descrição dos fenômenos linguísticos abordados.

Assim como Castilho, os autores consideram que as orações adjetivas são introduzidas por um pronome relativo e atuam como adjunto adnominal de um substantivo ou de um pronome que as antecede. Atente-se aos exemplos a seguir:

1. Susana, **que não se sentia bem**, estava de cama. (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 615)

2. O **que tu vês** é belo... (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 616)

Na sentença 1, o relativo *que* retoma o antecedente *Susana*, que é um substantivo. A oração adjetiva introduzida por esse pronome estabelece uma relação de adjunção com o sintagma nominal a que se refere. Já em 2, também se observa essa relação de adjunção sendo estabelecida entre a oração e seu antecedente; contudo, nesse enunciado, o relativo *que* se conecta à oração principal por intermédio do pronome demonstrativo *o*.

Cunha & Cintra, então, apontam que as orações adjetivas podem ser classificadas de duas formas: como restritivas, tornando precisa a significação do substantivo a que se referem; e explicativas, que marcam um tom esclarecedor ao substantivo a que aludem. Na escrita, a diferença estrutural entre as duas é a presença ou a ausência da vírgula separando a oração principal da subordinada (as restritivas não são virguladas, enquanto as explicativas o são).

3. És um dos raros homens **que têm o mundo nas mãos**. (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 618)

Em 3, a oração *que têm o mundo nas mãos* se refere ao antecedente *homens* e, por não estar isolada por vírgulas, é classificada como restritiva.

4. Tio Cosme, **que era advogado**, confiava-lhe a cópia de papéis de autos. (CUNHA & CINTRA, 2013, p. 618)

Em 4, a oração *que era advogado* se refere ao antecedente *Tio Cosme*, e, já que está isolada por vírgulas, é classificada como explicativa.

2.3. Evanildo Bechara

Evanildo Bechara apresenta as orações relativas como *orações complexas de transposição adjetiva* pela razão de estas transporem um valor semântico de um adjetivo ao substantivo a que se referem, quando ocorrem junto a uma oração principal. Pode-se reparar tal definição a partir do exemplo trazido pelo autor:

1. O aluno **que estuda** vence na vida. (BECHARA, 2011, p. 343)

A oração relativa em destaque poderia, sem prejuízo sintático ou semântico, ser substituída pelo adjetivo *estudioso*, de acordo com Bechara. Por conta dessa possibilidade de substituição, o que configura uma equivalência semântica entre adjetivo e oração, a sentença relativa pode ser, assim, interpretada.

Bechara, do mesmo modo que Cunha & Cintra, divide as orações adjetivas entre explicativas e restritivas; enquanto esta traz um caráter mais particular ao substantivo a que se liga, aquela atua de forma a generalizar esse nome. Na escrita, assim como apontam Cunha & Cintra, a diferença está na presença ou na ausência da vírgula, tendo que as explicativas são isoladas por vírgula, o que implica, na fala, uma ocorrência de pausa; e as restritivas não possuem a evidência do sinal de pausa, seja na fala, seja na escrita. Por meio dos exemplos que Bechara apresenta, pode-se compreender de que forma essas classificações afetam a semântica das orações:

2. O homem, que vinha a cavalo, parou defronte da igreja. (BECHARA, 2011, p. 344) – Oração explicativa
3. O homem que vinha a cavalo parou defronte da igreja. (BECHARA, 2011, p. 345) – Oração restritiva

Bechara alega que, a partir da sentença 2, se depreende que havia um único homem na situação, o que faz com que a informação de este estava a cavalo possa ser dispensada do enunciado. Já em 3, o autor defende que a ideia passada pela sentença é a de que havia outros homens na cena, mas somente aquele que se utilizava do cavalo como meio de locomoção parou em frente à igreja. Há, portanto, uma noção de explicação em 2, ao passo que, em 3, se observa um caráter restritivo sendo empregado pela oração relativa.

2.4. Maria Helena de Moura Neves

Em sua análise, Neves não se prende a definições das orações relativas. O foco da autora está no elemento coesivo que une uma oração principal a uma oração relativa: o pronome relativo. A partir desse recurso, as reflexões aparecerem, de acordo com o que foi apresentado no capítulo I, na seção dedicada à abordagem linguística de Neves frente à produtividade evidentes dos pronomes relativos.

O levantamento pertinente apontado por Neves é que, ao relacionar-se com uma oração principal, a oração adjetiva atua como adjunto adnominal do termo antecedente. A seguir, há um exemplo apontado pela autora:

1. ... temos o primeiro bebê **que nasce na manjedoura...** (NEVES, 2018, p. 643)

A oração *que nasce na manjedoura* apresenta uma qualidade do substantivo *bebê*, da mesma forma que um adjetivo faria. Por esse motivo, é correto considerá-la um adjunto adnominal do termo *bebê*. Por esse ângulo, a oração pode ser interpretada como adjetiva.

2.5. Considerações finais

Nesse capítulo, apresentou-se, inicialmente, uma proposta de conceituação geral das orações relativas, à qual se chegou a partir da leitura de gramáticas diversas. Para fundamentar essa conceituação, fez-se uma análise frente às abordagens trazidas por Ataliba de Castilho, Celso Cunha & Lindley Cintra, Evanildo Bechada e Maria Helena de Moura Neves. Trouxeram-se à tona as interpretações que tais autores fazem a respeito das orações relativas, pontuando, em alguns momentos, os pontos positivos e negativos dessas abordagens.

Identificou-se, como pontos relevantes, que é de comum acordo que as orações relativas são introduzidas por pronomes relativos e, no momento em que se relacionam com a oração principal, atuam sintaticamente como adjunto adnominal do termo antecedente. Além disso, pôde-se perceber que, por meio das sentenças relativas, é viável imprimir na sentença um sentido restritivo, que é, portanto, indispensável para a compreensão plena do enunciado; ou explicativo, sendo uma informação meramente acessória em relação ao termo apresentado.

III. O relativo *quem* e seus equivalentes em algumas línguas românicas

No presente trabalho, discutiu-se, até então, o funcionamento dos pronomes relativos e das orações adjetivas, de modo a apresentar as relações existentes entre esses dois objetos de estudo em períodos compostos por subordinação. A partir de agora, o foco será voltado a especificamente um relativo: *quem*.

Para tanto, nesse capítulo, far-se-á uma explanação sobre a ocorrência desse pronome em português e de seus equivalentes em algumas línguas românicas. Além disso, julga-se precípuo apresentar algumas reflexões históricas que demonstram impactos morfossintáticos em relação ao emprego desse recurso coesivo.

3. Uma visão geral acerca das línguas românicas

Por línguas românicas, entende-se o grupo de línguas oriundas do latim vulgar, tais como o espanhol, o francês, o italiano e a própria língua portuguesa. Por terem a sua origem em uma mesma língua, é justificável que seus sistemas linguísticos apresentem similaridades estruturais que, ao serem postas em contraste, podem trazer análises linguísticas muito ricas.

Ao se fazer um estudo acerca das orações adjetivas nas línguas românicas modernas, percebe-se que, assim como no português, as sentenças relativas são introduzidas por um pronome relativo, originando, dessa forma, um período composto por subordinação. Contudo, quando se olha para a origem desses enunciados, encontra-se uma curiosidade: para o latim vulgar, no que tange à fala espontânea, as subordinações não eram muito observadas.

Rodolfo Ilari, em *Linguística Românica*, aponta que:

“... no latim vulgar a subordinação tem um papel muito menos importante do que no latim literário: a língua vulgar tem como uma de suas características mais gerais o ser tipicamente paratática: contenta-se em justapor expressões entre as quais o latim clássico explicitaria nexos de dependência, isto é, de hipotaxe, pelo uso de tempos e modos, pela presença de palavras gramaticais apropriadas etc.” (ILARI, 1999, p. 111)

É importante apresentar tal reflexão tendo em vista que as subordinações são mecanismos linguísticos muito sofisticados, pelas relações de dependência que se

estabelecem nessas estruturas. Conceitualmente, Ilari, ao tratar da sintaxe dos períodos, trabalha os conceitos de parataxe e de hipotaxe, em que esta se refere aos períodos compostos por subordinação enquanto aquela contempla os períodos compostos por coordenação.

As concepções existentes em relação ao latim vulgar, na perspectiva de Ilari, são duas principais³ no que diz respeito ao uso da língua: o latim falado por todas as camadas da sociedade, incluindo a aristocracia da época; e o registro estigmatizado, rebaixado no campo linguístico hierárquico, falado, usualmente, pelos falantes pertencentes às camadas populares mais baixas.

Nesse sentido, pode-se considerar que o latim vulgar ocorria em contextos mais informais, sem que houvesse uma preocupação com estruturas sofisticadas para a construção dos enunciados linguísticos. Outro ponto a se levar em consideração é o seguinte aspecto: os falantes de latim vulgar que compunham as camadas mais baixas da sociedade não tinham acesso a um estudo acerca da língua; por isso, os mecanismos de subordinação se distanciam, mais uma vez, de suas necessidades de comunicação. Diante disso, é justificável a razão pela qual a parataxe, ou seja, a coordenação, que apresenta orações independentes, era preferível ao ser posta em confronto com a hipotaxe, ou seja, a subordinação, em que as orações são dependentes e, para sua ocorrência, exigem mudanças estruturais significativas.

3.1. O pronome *quem* nas línguas românicas

O pronome *quem*, nas mais diversas línguas românicas, é interpretado de forma similar: faz referência a um antecedente que apresenta um traço [+ humano]. Antes de entrar na questão do uso desse pronome nas línguas faladas na România Atual⁴, é importante compreender a origem desse pronome, dando um olhar à forma respectiva no latim.

O latim apresentava três possibilidades de pronomes relativos: *qui*, utilizado para fazer referência a substantivos masculinos; *quae*, utilizado para fazer referência a substantivos femininos; e *quod*, utilizado para fazer referência a substantivos neutros.

³ Ilari aponta que, por *vulgar*, se podem compreender também os vulgarismos, ou seja, as expressões que são condenadas pelos eruditos, pela razão de estas trazerem, ao contexto de ocorrência, “conotações populares, provincianas ou arcaizantes” (ILARI, 1999, p. 58).

⁴ Entende-se por România Atual, de acordo com Ilari, “a área ocupada por línguas de origem latina” (ILARI, 1999, p. 51).

Levando em consideração que o latim é uma língua de caso morfológico⁵, é importante ressaltar que tais pronomes declinam. Por meio dessas declinações, pode-se identificar a origem dos pronomes relativos *quem* em línguas românicas diversas. Far-se-á um quadro a seguir para expor a declinação dos relativos em latim:

Singular				Plural		
Caso	Masc.	Fem.	Neut.	Masc.	Fem.	Neut.
Nominativo	<i>qui</i>	<i>quae</i>	<i>quod</i>	<i>qui</i>	<i>quae</i>	<i>quae</i>
Acusativo	<i>quem</i>	<i>quam</i>	<i>quod</i>	<i>quos</i>	<i>quas</i>	<i>quae</i>
Genitivo	<i>cujus</i>	<i>cujus</i>	<i>cujus</i>	<i>quorum</i>	<i>quarum</i>	<i>quorum</i>
Dativo	<i>cui</i>	<i>cui</i>	<i>cui</i>	<i>quibus</i>	<i>quibus</i>	<i>quibus</i>
Ablativo	<i>quo</i>	<i>qua</i>	<i>quo</i>	<i>quibus</i>	<i>quibus</i>	<i>quibus</i>

Diante do estudo das declinações dos relativos do latim, podem-se apontar os relativos de línguas românicas modernas, apresentando sua origem com base na análise do quadro de declinações do latim. Abaixo, expor-se-á um quadro apresentando o pronome *quem* do português e suas formas equivalentes em outras duas línguas românicas: espanhol e francês.

Língua românica	Pronome relativo de traço [+ humano]
Espanhol	<i>quien</i>
Francês	<i>qui</i>
Português	<i>quem</i>

A partir da análise das formas utilizadas nas línguas românicas em estudo, pode-se estabelecer uma relação com as ocorrências dos relativos no latim. Tomando o francês e o português como base, identifica-se que não há alteração quanto à palavra selecionada para ser o pronome relativo de traço [+ humano]. O que se difere são apenas os contextos de uso desse elemento linguístico existente nas línguas. No caso do francês, os falantes adotaram a forma do pronome no caso nominativo de gênero masculino; já o português escolhe a forma correspondente ao caso acusativo de gênero masculino.

⁵ A partir da inserção de um morfema à palavra, fazendo-a declinar, dá-se à palavra um caso morfológico distinto, o que acarreta mudança de função sintática do vocábulo em uma sentença.

Em relação ao espanhol, duas hipóteses serão, aqui, levantadas: ou a origem do relativo *quien* seja semelhante à do português, ou seja, parte da forma do pronome no caso acusativo de gênero masculino; ou tal relativo tem sua origem no caso nominativo de gênero masculino, mas, com a evolução da língua, teve um segmento nasal em sua estrutura.

Quanto ao uso desses relativos nas línguas, nota-se, por meio da **Gramática Comparativa Houaiss: Quatro línguas românicas**, que:

“Quando o antecedente da relativo é [+ humano], usam-se nas quatro línguas românicas, desde que precedidos de preposição, os pronomes *quem, quien, cui, qui* (embora a forma italiana se empregue também para traço [- humano].” (BRITO; LOHSE; NETO; AZEREDO, 2010, p. 140)

No entanto, a exigência de este pronome estar preposicionado não procede pelo fato de, nas quatro línguas românicas em observação, ser possível evidenciar orações adjetivas livres⁶, ou seja, sem que haja um referente expresso no contexto oracional, tendo este de ser resgatado no campo extraoracional, que posiciona o referente no mundo.

3.2. Considerações finais

Nesse capítulo, fez-se um estudo histórico das línguas românicas, mostrando como o latim vulgar se relaciona a elas. Ainda, apresentou-se de que forma os falantes de latim vulgar compreendiam a sintaxe dos períodos compostos, com base em uma análise paratática ou hipotática. Por fim, trouxe-se à tona o relativo *quem* e seus equivalentes em espanhol e francês, salientando as possíveis origens desses pronomes com base nos relativos utilizados no latim.

Por fim, pôde-se identificar que as línguas românicas contemporâneas interpretam o relativo em análise como um pronome que se refere a nomes que apresentam um traço [+ humano], de modo que, nas orações em que ocorrem, têm, via de regra, esse tipo de sintagma nominal como antecedente.

⁶ Para elucidação desse conceito, é necessário voltar ao capítulo II, na seção 2.1.3, em que se faz uma explicação detalhada das orações adjetivas livres, sob a perspectiva de Ataliba de Castilho.

IV. *Quien e quem*: visões da gramática

Nesse capítulo, dar-se-á o foco a um estudo comparativo quanto ao uso do relativo de traço [+ humano] em duas línguas românicas: o espanhol e o português. Para que tal abordagem seja feita, apresentar-se-ão os contextos de ocorrência desses pronomes, bem como os aspectos morfossintáticos a eles relacionados.

4. Um estudo comparativo entre *quien* e *quem*

As línguas românicas, por terem a mesma origem, geraram estruturas muito semelhantes no que diz respeito aos aspectos morfossintáticos. No momento em que se colocam a língua espanhola e a língua portuguesa lado a lado, vê-se que essas semelhanças são, de fato, perceptíveis.

Diante disso, cabe observar de que formas algumas gramáticas dessas línguas compreendem o papel morfossintático dos relativos *quien* e *quem*. Com base nas semelhanças e divergências, far-se-á uma reflexão sobre as possibilidades linguísticas desses dois recursos tão produtivos para as duas línguas românicas em análise.

4.1. O pronome *quien* na língua espanhola

O pronome *quien* em espanhol apresenta propriedades morfossintáticas muito curiosas quanto ao seu uso nas estruturas linguísticas em que aparecem. Esse pronome ocorre, via de regra, como relativo, estabelecendo conexão com um antecedente que represente um substantivo com traços humanos.

Partindo dessa visão, mostrar-se-ão, a seguir, as particularidades que podem ser observadas quanto aos aspectos morfossintáticos do pronome *quien* na língua espanhola. Inicialmente, é válido apontar que tal elemento linguístico se refere normalmente a seres humanos ou a seres personificados, ou seja, seres não humanos que, a partir de um contexto semântico, recebem um traço de humanidade em seu significado. Exemplifica-se abaixo uma oração em que ocorre o pronome *quien* em sua ocorrência mais prototípica:

1. La niña a **quien** vi en el parque.⁷ (BRITO; LOHSE; NETO; AZEREDO, 2010, p. 139)

Nota-se que o relativo em análise tem o constituinte *La niña* como antecedente e, além disso, está preposicionado, conforme se propõe a ocorrência desse elemento nas

⁷ Tradução livre: A menina a quem vi no parque.

gramáticas diversas. Ao destinar um olhar ao antecedente, vê-se que a teórica exigência de que o termo a que o relativo se refere tenha traço [+ humano] é respeitada. Entretanto, há outras abordagens quanto ao uso do relativo estudado, nos contextos de personificação.

De acordo com o que se apresenta na *Nueva gramática de la lengua española*, a possibilidade de personificação se relaciona a grupos nominais, tais como organizações, corporações, instituições, isto é, conjuntos de indivíduos em geral. Nesse sentido, pode-se considerar que o processo de personificação leva em consideração uma interpretação que está subentendida ao nome. Tendo em vista que, em instituições, tal qual uma empresa, diversos indivíduos humanos compõem esse ambiente, há a possibilidade de que os falantes, ao se depararem com esses substantivos, ativem, em seus sistemas linguísticos, uma ideia de humanidade sendo evidenciada por meio desses conjuntos de pessoas. Observam-se abaixo alguns exemplos apresentados na *Nueva gramática de la lengua española* em que o pronome *quien* se refere a substantivos aos quais se agregou um traço [+ humano] por meio de um outro elemento linguístico:

2. Propusieron la compra del proyecto a **la empresa nipona, quien** aceptó de buena gana.⁸ (R.A.E., 2009, p. 1577)
3. Las recomendaciones de la comisión no son obligatorias para **el Gobierno, en quien** reside, por la Constitución, la dirección suprema...⁹ (R.A.E., 2009, p. 1577)

Nas sentenças mostradas, o pronome *quien* é empregado com antecedentes que não são representados por nomes tipicamente [+ humanos], mas, a partir de um adjetivo ou de um contexto semântico diverso, essa exigência trazida pelo relativo analisado é respeitada. Em 2, o sintagma *la empresa nipona*, apesar de o núcleo nominal *empresa* representar um objeto inanimado no mundo, o fato de uma empresa ser composta por pessoas dá ao substantivo em questão um traço humano, na perspectiva dos falantes de espanhol.

Além disso, pode-se apontar a presença do adjetivo *nipona*, que, por ser um gentílico, também contribui para que se agregue ao núcleo do sintagma um aspecto personificado. Quanto à ocorrência do relativo, é válido ressaltar que não se evidencia a presença de uma preposição antes dele, tendo em vista que, na sentença 2, este aparece

⁸ Tradução livre: Propuseram a compra do projeto à empresa japonesa, quem aceitou de boa vontade.

⁹ Tradução livre: As recomendações da comissão não são obrigatórias para o Governo, em quem reside, pela Constituição, a direção suprema...

como sujeito da oração relativo. Por conta da função sintática exercida por esse elemento coesivo, não seria coerente a inserção de uma preposição antes deste.

Por meio de um estudo da sentença 3, já se observa uma construção distinta: *quien* está preposicionado, uma vez que há a evidência da preposição *en*. Diante desse fato, a primeira conclusão a que se chega é a de que o relativo em análise não exerce a função de sujeito, diferindo-se, assim, do que é apresentado no enunciado 2. Em termos sintáticos, portanto, o relativo *quien* exerce a função de adjunto adverbial de lugar, o que justifica o fato de ser expresso por meio de um sintagma preposicional.

Em relação ao antecedente, que é o sintagma nominal *el Gobierno*, mais uma vez se percebe um substantivo, que, inicialmente, não é personificado, mas, ao se levar em consideração que o ambiente governamental é composto por indivíduos humanos, traz-se a esse sintagma uma indicação semântica de pessoa.

Ainda assim, em contextos mais formais, o uso do *quien* referindo-se a nomes que, em uma primeira interpretação, são compreendidos como [- humanos] não é muito comum. Por isso, os falantes tendem a evitar esse uso tanto na fala espontânea quanto nos registros escritos.

Por meio dos contextos de uso do relativo *quien* retratados até então, foi possível identificar o uso geral desse pronome, funcionando como o elemento coesivo que interliga uma oração principal a uma adjetiva. Para aprofundar a discussão, exibir-se-ão, agora, alguns fenômenos linguísticos que se mostram muito produtivos para a análise da produtividade do uso do pronome no espanhol.

4.1.1. Relação sintática entre *quien* e um substantivo não personificado

Na seção anterior, demonstraram-se os usos recorrentes do pronome *quien* nas orações adjetivas da língua espanhola. Ademais, evidenciaram-se as possibilidades de ocorrência desse recurso linguístico com nomes que, de alguma forma, seja pelo contexto, seja pela inserção de uma outra palavra, são personificados. No entanto, foi alegado que, embora tais construções com nomes não personificados sejam possíveis, a tendência é de que elas não sejam manifestas nos registros mais formais de uso da língua.

É a partir dessa análise que o seguinte fenômeno será apresentado: a perífrase de relativo (ou construção de *relieve*)¹⁰. As perífrases de relativo são um mecanismo linguístico cuja função é focalizar ou enfatizar um dos constituintes de uma oração. O

¹⁰ Os dois conceitos são apresentados na *Nueva Gramática de la lengua española*.

cenário em que o fenômeno se passa segue uma estrutura definida da seguinte forma: há um sujeito exposto, um verbo *ser*, que atua como verbo de cópula¹¹, e, por fim, um pronome relativo, que pode ser representado por *que* ou por *quien* na língua espanhola. Como o foco, aqui, é fazer um estudo do pronome *quien* e de seus aspectos morfossintático, os exemplos a serem analisados contemplarão orações em que tal elemento linguístico está manifesto. A seguir, portanto, serão apresentadas sentenças em que se pode perceber o fenômeno em análise.

1. El canal será **quien** dicte la pauta de la programación. (R.A.E., 2009, p. 1578)¹²
2. ... era el fútbol **quien** se negaba a desprenderse de él. (R.A.E., 2009, p. 1578)¹³

Nas sentenças 1 e 2, notam-se construções de perífrase de relativo, em que há um sujeito exposto (*El canal*, em 1; e *el fútbol*, em 2), um verbo de cópula e um pronome relativo *quien* que estabelece uma conexão entre os elementos de ênfase trazidos pela perífrase de relativo e a oração à qual o sujeito exposto se relaciona. Dessa forma, coloca-se em evidência um constituinte da oração.

Nos estudos linguísticos do português, o que é apontado como perífrase de relativo pela *Nueva Gramática de la lengua española* é o fenômeno de clivagem, que segue a mesma estrutura e é utilizado com a mesma intenção de trazer ênfase a determinado constituinte da oração (conforme se pode observar na sentença, aqui, apresentada: *O professor é quem tem de corrigir as provas*). Desse modo, identifica-se que tal estratégia de ênfase não é exclusiva da língua espanhola.

4.1.2. Flexão do pronome *quien*

O fato, talvez, mais curioso em relação ao pronome *quien* é sua possibilidade de flexão. Por meio do acréscimo do morfema *-es*, dá-se ao relativo em questão a ideia de plural. Isso acarreta diretamente a necessidade de concordância deste com os verbos com os quais se relaciona. A seguir, podem-se observar alguns exemplos de sentenças em que o pronome *quien* é manifesto de maneira flexionada:

¹¹ Os verbos de ligação também podem ser compreendidos como verbos de cópula. Sua função é de ligar um predicativo do sujeito ao sujeito ao qual se relacionam.

¹² Tradução livre: O canal será quem dita a pauta da programação.

¹³ Tradução livre: Era o futebol quem se negava a desprender-se dele.

1. Mónica y Francisco, quienes han conseguido la beca de estudios, son de Granada.¹⁴
2. Quienes hayan acabado pueden salir de la clase.¹⁵
3. Los alumnos a quienes se les haya entregado el examen pueden marcharse.¹⁶

Em 1, tem-se que o pronome introduz uma oração adjetiva e o referente deste é expresso por dois sintagmas nominais. Nesse sentido, para indicar o número de pessoas envolvidas na circunstância da oração principal, o pronome relativo marca em si as propriedades de número de seu antecedente, concordando com este, isto é, sendo manifesto no plural.

Em 2, nota-se uma construção de adjetiva livre, o que implica a necessidade de que o referente seja depreendido no campo extraoracional. Sob essa perspectiva, é interessante observar que todos os verbos acionam a concordância com base no pronome relativo, que é interpretado como o sujeito da oração adjetiva.

Em 3, identifica-se a presença de uma preposição precedendo o relativo. Na oração que introduz, o pronome exerce a função sintática de objeto indireto e, além disso, mantém a relação de número de seu antecedente, que é o sintagma *Los alumnos*. É interessante observar também que, nessa oração, há um pronome cópia: *les*. Tal mecanismo, no contexto em que aparece, tem a função de enfatizar o objeto indireto, reforçando o valor semântico desse elemento linguístico, que é exposto na oração relativa. Vale ressaltar que o pronome cópia também é manifesto no plural, tal qual o relativo. Conclui-se, por meio dessa observação, que as relações de concordância do relativo *quien* extrapolam o nível verbal, expandindo-se, também, para os pronomes que se relacionam ao verbo que é núcleo da oração em que o relativo ocorre.

4.1.3. Reflexões acerca do pronome *quien*

Pôde-se observar que o relativo *quien* em espanhol, via de regra, é empregado em contexto em que seu antecedente apresenta um traço [+ humano]. Entretanto, se o sintagma nominal ao qual ele se refere traz alguma característica que permita uma associação com um elemento personificado, a construção com o relativo em estudo é possível, apesar de não ser tão convencional.

¹⁴ Tradução livre: Mônica e Francisco, que conseguiram a bolsa de estudos, são de Granada.

¹⁵ Tradução livre: Quem tiver acabado pode sair da sala.

¹⁶ Tradução livre: Os alunos aos quais se entregou a prova podem ir embora.

Estudou-se também acerca das perífrases de relativos, que consistem em uma estrutura sintática fixa que dá ao sintagma nominal a que se refere um caráter mais enfático, desde que este ou apresente uma característica personificada, ou seja, de fato, um elemento nominal humano.

Por fim, pôde-se perceber que o relativo em observação, na língua espanhola, estabelece relação de concordância com os verbos aos quais se relaciona e, em casos em que há um pronome cópia, com o intuito de enfatizar algum constituinte da oração, os pronomes também seguem a relação de número existente no relativo *quien* ou *quienes*. A partir disso, identifica-se como esse recurso coesivo é relevante para que a concordância aconteça nas orações adjetivas, sejam estas livres ou não.

4.2. O pronome *quem* na língua portuguesa

Nas gramáticas da língua portuguesa, a visão geral que se tem do relativo *quem* é a de que este se refere a pessoas ou a seres personificados. Diante disso, identifica-se, mais uma vez, que é levado em consideração o traço [+ humano] para o emprego desse pronome.

É apontado também pelos gramáticos que a condição básica de uso do relativo *quem* é a presença de uma preposição precedendo-o. No entanto, existem as construções em que o relativo não apresenta um referente, sendo, portanto, considerados relativos indefinidos nesse cenário. Analisa-se, a seguir, um exemplo em que o relativo em estudo não apresenta referente:

1. **Quem** tudo quer tudo perde. (BECHARA, 2011, p. 140)

A proposta geral dos autores é que tal enunciado seja compreendido como equivalente a *A pessoa que tudo quer tudo perde*, ou seja, a ideia de personalidade está intrínseca ao pronome, o que torna possível que este ocorra sem um antecedente direto.

4.3. Considerações finais

Nesse capítulo, foram apresentadas as concepções de gramáticos quanto aos usos do relativo *quien* na língua espanhola e do relativo *quem* na língua portuguesa. Identificou-se, por meio das abordagens, que é de comum acordo a necessidade de que, para o emprego desse pronome, o antecedente apresente um traço [+ humano] ou seja personificado ou por algum elemento morfológico, como um adjetivo, por exemplo, em

empresa nipona, ou por um contexto ativado por uma palavra que configure um conjunto de indivíduos, tal como *Gobierno*.

Quanto à língua espanhola, percebeu-se que o relativo *quien* possui características interessantes pelo fato de poder ser flexionado em número, sendo um elemento-chave para as relações de concordância em sentenças relativas, sejam estas livres ou não. Além disso, foi possível observar as perífrases de relativo e compreender como o pronome *quien* atua sintaticamente ao estar inserido nelas.

Quanto à língua portuguesa, evidenciou-se que os gramáticos tratam o uso de tal pronome de maneira muito superficial, relacionando-o somente a antecedentes nominais que indiquem pessoas ou seres personificados. Para que se estabeleça a relação entre o pronome e seu antecedente, diversos autores apontam a necessidade de uma preposição sendo posta antes do pronome.

Por fim, identificou-se também que há a possibilidade de que o relativo *quem* ocorra sem um antecedente, o que faz esse elemento linguístico aparecer como sujeito de uma sentença e ser considerado um relativo indefinido.

V. Os relativos: últimas reflexões

Nesse capítulo, serão apresentadas as reflexões finais em relação ao uso dos pronomes relativos nas línguas românicas, com ênfase em *quem* e *quien* sendo apontados como mecanismos linguísticos produtivos em português e em espanhol, respectivamente. A partir dessas reflexões, busca-se apontar alguns questionamentos que aparecem nas gramáticas no momento em que estas trazem à tona os relativos, aqui, em estudo, apresentando, para estes, algumas reflexões geradas ao longo da pesquisa.

5. *Quem* e *quien*: limitados pela gramática?

Ao longo desse estudo, foi possível perceber como os gramáticos, ao apresentarem o relativo *quem*, limitam seu uso a um contexto de representar um antecedente humano ou personificado em uma oração adjetiva.

A partir dessa interpretação que, em alguma medida, parece reducionista, os gramáticos da língua portuguesa desconsideram aspectos da língua em movimento, ignorando estruturas sintáticas que são produzidas por esse relativo, mas que, ao serem apresentadas nas abordagens gramaticais, alteram a classificação dos relativos, de modo a considerá-los pronomes interrogativos ou indefinidos. Por isso, julga-se, aqui, importante apontar essas inconsistências.

Quanto ao estudo da língua espanhola, é interessante apontar como as abordagens gramaticais desse sistema linguístico se mostram diversas frente ao uso do relativo *quien*, visto que se evidenciam sentenças específicas formadas a partir dele e as relações de concordâncias que este estabelece com os demais constituintes oracionais.

5.1. Inconsistência quanto ao entendimento do *quem* nas gramáticas da língua portuguesa

Para abrir essa reflexão, apresentar-se-á a definição do pronome *quem* proposta por Bechara:

→ “*Quem* se refere a pessoas ou coisas personificadas e sempre aparece precedido de preposição.” (BECHARA, 2011, p. 139)

Quanto ao fato de o pronome *quem* apresentar um traço [+ humano], não é possível negar tal constatação. A inconsistência marcante dessa definição está no fato de

o autor alegar que o pronome em estudo sempre será precedido de preposição. O contexto de adjetivas livres, por exemplo, já faz cair por terra essa perspectiva, tendo em vista que o pronome, por mais que não tenha seu antecedente explícito no contexto da oração, ativa seu mecanismo de referência no âmbito extraoracional.

A proposta de reflexão, no presente trabalho, no entanto, dar-se-á a partir de uma construção de oração substantiva¹⁷ em que o pronome *quem* atua como o elo entre a oração principal e a subordinada. Os exemplos a seguir são próprios, tirados de dados coletados ao longo da pesquisa. A seguir, identificam-se duas sentenças:

1. Não sei **quem** deixou de corrigir as provas.
2. Não vi **quem** veio para cá.

Percebe-se que, nas duas sentenças apresentadas, o relativo *quem* não possui um referente explícito, tendo este de ser resgatado no mundo. Bechara propõe que, no caso de os relativos não apresentarem antecedentes, há uma compreensão intrínseca ao pronome: *quem = a pessoa que*.

No estudo das orações substantivas, considera-se que, quando o elemento de coesão é o pronome *quem*, este é classificado como pronome indefinido. Entretanto, Bechara aponta que, quando não há um antecedente expresso, ainda assim, o pronome *quem* é tido como relativo, embora de natureza indefinida. Nesse viés, cabe apontar como as abordagens são contraditórias.

Se há uma ideia intrínseca no pronome, independentemente do contexto de ocorrência, a ideia será mantida. Portanto, nos exemplos 1 e 2, por mais que as orações não sejam adjetivas, e sim substantivas, percebe-se nelas a evidência de um pronome relativo.

Sob essa perspectiva, conclui-se que o pronome *quem* pode atuar de, pelos menos, três formas: como um relativo propriamente dito, em que resgata um antecedente na oração principal e introduz uma oração adjetiva; como um relativo sem antecedente, ativando seu mecanismo de relativização no âmbito extraoracional, produzindo, em grande parte dos contextos, orações relativas livres; ou como elemento coesivo entre uma oração principal e uma oração subordinada substantiva, sem a necessidade de ser

¹⁷ São orações que, subordinadas a uma principal, exercem a função sintática que um sintagma nominal, no período simples, exerceria. Quando ocorrem, são geralmente introduzidas pelas conjunções integrantes *que* ou *se*, embora admitam, em sua estrutura, outros mecanismos linguísticos de coesão.

interpretado como pronome indefinido, tendo em vista que, apesar de estar em um contexto de oração substantiva, os falantes precisam depreender que tal pronome tem de buscar seu referente no campo extraoracional, para que o enunciado seja entendido plenamente.

5.2. A produtividade do pronome *quien* na língua espanhola

Os falantes de espanhol agregam ao relativo *quien* uma série de possibilidades linguísticas, o que torna esse elemento coesivo muito produtivo em seus mais diversos contextos de ocorrência.

Primeiramente, pode-se apontar a relação de concordância que o relativo em análise estabelece com verbos e com os demais constituintes da oração. A possibilidade de flexão de número traz uma independência semântico-sintática para o pronome, tendo em vista que este pode exercer as mais diversas funções sintáticas em uma oração sem que haja a necessidade de um antecedente explícito.

É relevante apontar, também, a questão da possibilidade de reinterpretação do antecedente desse relativo, pois, se o antecedente recebe alguma marca morfológica ou semântica que agregue a ele a noção de ser personificado, o pronome *quien* pode ocorrer sem que haja prejuízo semântico ou sintática. Embora não seja usual nas línguas, as possibilidades são atestadas e aceitas pelos falantes.

5.3. Considerações finais

Nesse capítulo, foram feitas reflexões acerca das definições que a gramática apresenta no diz respeito aos relativos *quem* e *quien*. Por meio dessas reflexões, pôde-se identificar se as concepções gramaticais da língua espanhola e da língua portuguesa são flexíveis, ou não, no que tange à possibilidade de reinterpretar morfossintaticamente alguns dos mecanismos linguísticos que as compõem.

As línguas românicas, embora apresentem semelhanças nos mais diversos níveis de seus sistemas linguísticos (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica), trazem consigo algumas limitações e algumas possibilidades de liberdade no que tange à interpretação de determinados enunciados para os falantes.

Conclui-se, com o presente trabalho, que a língua portuguesa, no que diz respeito ao uso do relativo *quem*, ao ser transposta para a gramática, apresenta certo limite quanto à liberdade de interpretação semântico-sintática desse mecanismo linguístico.

Já a língua espanhola, tendo em vista a diversidade de possibilidades que são apresentadas em relação ao uso do relativo *quien*, se mostra muito mais liberta das amarras da tradição gramatical, considerando aspectos da língua que perpassam alguns níveis do sistema: morfossintático, no momento em que o pronome é passível de ser flexionado em número; e semântico, ao identificar a composição no mundo do nome ao qual o relativo se relaciona.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEREDO, José Carlos de; BRITO, Ana Maria; LOHSE, Birger; NETO, Godofredo de Oliveira Neto. *Gramática comparativa: Houaiss: quatro línguas românicas: português, espanhol, italiano e francês*. – São Paulo : Publifolha, 2010.

BECHARA, Evanildo. *Gramática escolar da Língua Portuguesa: 2 ed. ampliada e atualizada pelo Novo Acordo Ortográfico*. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2010.

CAMPOS, Cecilia Ch.; ODOCINO, Raffaella; SÁNCHEZ, Marjorie E. *Gramática española*. 1 ed. Novara : Agostini Scuola SpA, 2014.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do Português Brasileiro: 1 . ed., 3ª reimpressão* – São Paulo : Contexto, 2014.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do Português contemporâneo* – 6.ed. – Rio de Janeiro : Lexikon, 2013.

DUBOIS, Jean. *Grammaire structurale du français: nom et pronom*. Paris : Librairie Larousse.

FRANCH, Juan Alcina. *Gramática española*. Barcelona : Ariel, S.A, 1975-1983.

GARCIA, Janete Melasso. *Introdução à teoria e prática do latim*. 3ª ed. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2008.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. 3 ed. São Paulo : Ática, 1999.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática do português revelada em textos*. – São Paulo : Editora Unesp, 2018.

POPIN, Jacques. *Précis de grammaire fonctionnelle du français* – Paris : Nathan, 1993.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española: Morfología.*
Sintaxis I. Espasa Libros, S. L. U., 2009.